

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: XGR00065

Data: 18.01.81

Pg.: _____

Índios esperam indenização para plantar novamente

O Estado
Florianópolis 18.1.81

Decorridos quase um mês desde que aconteceu a maior enchente do século, em dezembro, os índios de Ibirama estão em difícil situação: o líder Lino Nema-nôoro calcula em Cr\$ 5 milhões o valor dos prejuízos causados pela cheia que destruiu plantações de milho, casas, levou canoas, material agrícola e trouxe disenteria nas crianças índias.

O Departamento Nacional de Obras e Saneamento se responsabilizou pelos prejuízos. Os índios apontam como causa principal da grande cheia, a barragem provisória, denominada de ensacadeira e construída recentemente pelo DNOS alguns quilômetros abaixo da reserva.

Apesar das visitas que os advogados do DNOS fizeram à Reserva, até agora os índios não receberam nenhum cruzeiro de indenização. E já está na época de iniciar uma nova plantação que, para ser realizada, exige investimentos que eles não têm, pois perderam tudo.

"Não sabemos mais a quem apelar", disse o chefe indígena Aristides, que calculou em 60 famílias o número de prejudicados.

Além das cheias periódicas que tem atingido parte das terras da Reserva Indígena de Ibirama, os Xoklengs, também denominados hotocudos, sentem-se injustiçados.

Cerca de 817 hectares da reserva serão inundados ao término das obras da Barragem no Rio Itajaí do Norte. Além disso eles não podem explorar a madeira devido a legislação, e não receberam as indenizações pelas inundações causadas pela ensacadeira.

Em cima dos 817 hectares que serão inundados existe muita árvore. Calcula-se que seu valor é de Cr\$ 10 milhões em madeira. Mas para a sua exploração seria necessário a construção de uma nova estrada de acesso à reserva. Até agora ela não foi iniciada, mas dizem que está projetada para passar atrás da localidade de Serra Verde, com o objetivo de encarecer mais a obra, conforme se comentou na reserva.

Há interesses econômicos, afinal são Cr\$ 100 milhões em questão. Dizem os mais velhos da tribo que tudo faz parte de um plano de conceder a permissão do corte das árvores para um dos gru-

pos econômicos da região, interessado na reserva florestal.

Os índios, além de perderem os 817 hectares das melhores terras que tem para a agricultura no vale do Rio Hercílio, podem ficar sem a madeira que cobre a área.

Pela desapropriação das terras que serão inundadas, o DNOS fez uma proposta de permuta. Pelos 817 hectares foram oferecidos algumas áreas com 714 hectares na mesma região. E para compensar os hectares perdidos, foi oferecido a possibilidade do uso da área a ser desapropriada, fora de seu período de enchente. A proposta seria realizar, nesta época, culturas agrícolas.

Mas as áreas substituídas seriam uma de cerca de 500 hectares ao Sul do eixo da Barragem. Esta área é possuidora de três rios: Hercílio, Canharana e Dollman. Na outra ao Norte onde, ao limite das terras da Funai, seriam desapropriadas terras de 60 lavradores, numa área total de 214 hectares. Além disto, se propõem construir nos pontos em que as comunidades indígenas desejarem, núcleos residenciais com casas de propriedade dos índios que poderiam usar como quisessem, inclusive deci-



Na reserva, o clima é de desolação.



Lino e Aristides: à espera de indenização para recomeçar.

dir pela remoção.

Tudo não passou de planos e propostas que os indigenistas têm classificado de tentativa de expropriação das terras dos índios. Afirmaram que só lhes restará as encarpas da Serra Geral. Os férteis vales serão inundados totalmente, e os índios terão que morar em estreitas faixas nos contrafortes da Serra. A agricultura, que tem sido a principal atividade, não será mais possível de ser exercida.

Mesmo agora, enquanto não se concluem as obras da Barragem, a subsistência através da agricultura está ameaçada. O pequeno lucro que os índios teriam com a colheita de milho e que possibilitaria o replantio, não ocorreu devido a enchente da noite de dia 20 de dezembro, causada pela ensacadeira.

O ENGANO DO ENGENHEIRO

E o líder Lino conta como aconteceu o inesperado. Com as fortes chuvas o nível d'água começou a subir. Nada havia sido feito, até então, pois um engenheiro do DNOS visitou a Reserva e, em conversa com o líder, fez uma previsão do nível máximo que as águas poderiam atingir.

A previsão foi furada, inverídica e complicou a vida da tribo. Nenhuma medida tinha sido tomada para salvar a criação, o material agrícola e as canoas, pois o engenheiro fez uma previsão falsa.

"Ele errou por mais de cinco metros", segundo Lino, que teve uma noite intranquila enquanto as águas subiam mais e mais. De sua residência, numa elevação próxima do rio que lhe servia de referencial para o calculado do nível d'água. Aproximava-se da meia-noite quando ele viu frustradas todas as previsões do engenheiro. Só restou a resignação, pois como diz o homem branco, (repetindo suas palavras) "índio é preguiçoso".

Outros companheiros da tribo não tiveram a mesma sorte que Lino, pois até suas casinhas de madeira sem pintura foram atingidas.

Alguns colonos da região, como Gervásio Fiamoncini, também tiveram grandes prejuízos. Comenta-se que um posseiro residente próximo ao local salvou apenas um facão, a mulher e o cachorro. Casa, roça e demais pertences levados pelas águas do rio Hercílio.